

### **XIII Jornadas de Estudos das Monarquias Ibéricas**

Rio de Janeiro, 27 a 30/09/2017

A historiografia contemporânea estabeleceu uma marcada linha interpretativa acerca das ideias de *nação* e *nacionalismo* como objetos históricos, vinculando-os ao quadro das tradições europeias e à universalidade desse modelo a partir do Ocidente, circunscrevendo sua emergência aos finais do Antigo Regime. Embora esses trabalhos tenham contribuído significativamente para a compreensão de tais fenômenos, eles desconsideraram o debate sobre a *nação* no mundo americano ibérico na época moderna. Além disso, foram criticados nos círculos da historiografia latino-americana por terem limitado a abordagem da dinâmica *nação/nações* nos espaços coloniais a determinadas esferas sociais. Os grupos situados às margens do domínio imperial, como índios, mestiços, negros e cristãos-novos, por exemplo, não foram incluídos em tais análises.

Por outro lado, nas últimas décadas houve um significativo desenvolvimento nos estudos sobre grupos e/ou coletividades classificados segundo categorias jurídico-sociais e religiosas, nos territórios dos impérios ibéricos ultramarinos. Nesse processo, o volume de investigações que consideraram as estratégias de distinção, sobrevivência e poder dos povos indígenas cresceu consideravelmente. Os estudos sobre cristãos-novos e judeus no mundo colonial, por sua vez, foram dinamizados com interpretações sobre o racismo na época moderna, enquanto as análises sobre mestiços, integração social, escravidão e etnias africanas adquiriram cada vez maior profundidade.

A despeito do crescimento verificado, é possível notar certa escassez de análises sistemáticas dirigidas ao problema das conexões de tais segmentos da sociedade colonial com os significados de integrar ou pertencer a uma comunidade imperial. Em outras palavras, há uma expressiva lacuna no referente ao estudo das relações entre os sentidos da *nação* pensados, difundidos e estruturados nos circuitos dos impérios ibéricos, e as dinâmicas de vida desses atores/sujeitos em particular.

Com frequência os estudos sobre a *nação* têm privilegiado as ideologias, dirigindo-se de forma válida, em primeiro lugar, para o exame do vocabulário político-jurídico. Nesse sentido, ainda que a abordagem

semântica tenha originado uma série de definições e o termo apareça nos dicionários e verbetes enciclopédicos coevos de maneira versátil, tais definições não contemplam os registros de sentidos mais plurais vigentes no mundo ibérico da época moderna.

Talvez por esse motivo, apesar das contribuições historiográficas voltadas para os aspectos mais formais, pouca atenção foi dispensada a elementos estratégicos, transacionais ou de caráter afetivo que envolvem o pertencimento a uma comunidade política: por razões de origem, condições históricas ou interesses materiais e religiosos (incluindo a estigma e/ou exclusão de grupos). Trata-se de considerar os modos como distintos sujeitos - não somente grupos letrados ou com privilégios - em contextos relacionais de diferentes escalas perceberam, utilizaram e negociaram tal pertença. Nessa proposição sustenta-se a ideia de *nações em movimento*.

Cabe ressaltar ainda outro campo de possibilidades, a dimensão comparativa entre essas “nações” no âmbito dos territórios ultramarinos das monarquias ibéricas – que lidaram amplamente, na Europa e nas quatro partes de mundo, com a diversidade cultural e política. São raros os estudos que evidenciam as similitudes e particularidades dentre a multiplicidade de casos e objetos de pesquisa nas conquistas ibéricas, em torno da dinâmica da *nação* e de ideias a ela relacionadas, como raça, etnia, cultura e representação política.

O presente colóquio pretende retomar este debate, partindo de uma série de parcerias para a sua realização. Primeiramente, trata-se de uma iniciativa do polo brasileiro da *Red Comumaria*. Criada em 2004, ela reúne um grupo de investigadores em torno da análise das formas de organização e percepção das fronteiras das monarquias ibéricas, compreendendo o significado da sua projeção global do século XVI ao XVIII. Constitui-se assim como uma entidade pluri-territorial que enfoca o estudo do passado de forma não reduzida à projeção de genealogias nacionais ou tradições acadêmicas. Seu objetivo é formar uma rede na qual investigadores de diversas origens estabeleçam marcos de investigação, desenvolvam projetos, conheçam metodologias e proponham análises. Considera-se que a cultura política e administrativa relativamente semelhante compartilhada nas fronteiras das monarquias de Portugal e Espanha convida à comparação e ao estudo

integrado desses espaços, possibilitando a compreensão dos âmbitos europeus, americanos, africanos e asiáticos de forma articulada.

Desde 1998 a Companhia das Índias, núcleo de história ibérica e colonial na época moderna sediado na Universidade Federal Fluminense, reúne pesquisadores de várias universidades do Brasil e do exterior. O grupo já realizou muitos projetos coletivos de investigação em torno de suas três linhas de pesquisa: identidades culturais e religiosas; monarquias, impérios e territórios; e escravidão, movimentos sociais e rebeliões. Essas atividades resultaram em colóquios internacionais e nacionais, seminários de alunos de graduação e de pós-graduação em História Moderna, e sobretudo em diversas publicações.

Também os locais de realização das XIII Jornadas não são fortuitos. Desde 1922, como fruto de uma exposição internacional no centenário da independência do Brasil, o Museu Histórico Nacional, fundado por Gustavo Barroso, pretendeu ser um relicário da história brasileira. Contudo, sua localização privilegiada no centro do Rio de Janeiro, as restaurações remodeladoras e seu constante intercâmbio acadêmico o potencializam para diversas realizações culturais, como exposições, cursos de extensão e eventos internacionais.

O Museu Nacional, por sua vez, fazia parte dos esforços de D. João VI para promover a “cultura” na nova sede do Reino Unido. Fundado em 1818 e considerado o primeiro estabelecimento científico do Brasil, seu funcionamento associou-se aos anseios de construção de um Estado imperial, estruturando-se sobretudo nas últimas décadas do século XIX. Tendo recebido coleções variadas desde a sua fundação, possui um importante acervo sobre os povos nativos, cuja procedência revela muito da história da etnologia no país. As coleções, nesse caso, demonstram as conexões da instituição com as ideias produzidas no século XIX sobre a Nação brasileira e sua diversidade étnica, revelando os diferentes momentos das relações entre o Estado, os intelectuais e os “índios do Brasil”.

As XIII Jornadas de *Columnaria* acompanham os movimentos dos museus contemporâneos em incorporar uma percepção crítica dos seus acervos, que passam a ser considerados em termos de problematização histórica, e não como celebrações idealizadoras de um passado. Entende-se

hoje que um museu *nacional*, em sua acepção tradicional e europeia, seria propenso a diluir diferenças e tensões inerentes à própria construção de identidades. Trata-se assim de revisitar esses velhos espaços no Novo Mundo, com uma salutar mudança de foco em torno da categorização das diferenças, considerando as muitas configurações em torno das nações, caracterizadas por constantes movimentos.

Serão aceitas comunicações sobre a dinâmica das nações nas conquistas ibéricas ultramarinas do século XVI ao XVIII, enfocando sobretudo suas conexões com índios, africanos e cristãos-novos. Espera-se que a sua realização em dois dos mais representativos museus nacionais do país contribua para a inclusão da história moderna nas reflexões sobre tais instituições.

**Calendário:**

Até 01/03/17 – envio das propostas de aproximadamente 250 palavras para [nacoesemmovimento@gmail.com](mailto:nacoesemmovimento@gmail.com)

Até 01/04/17 – seleção das propostas de comunicação

Até 15/07/17 – envio dos textos completos das comunicações

**Comissão organizadora**

Rodrigo Bentes Monteiro (UFF)

Elisa Frühauf Garcia (UFF)

Marcelo da Rocha Wanderley (UFF)

**Comitê científico**

Gaetano Sabatini (Università degli Studi Roma Tre)

José Javier Ruiz Ibáñez (Universidad de Murcia)

Pedro Cardim (U. Nova de Lisboa)

Tamar Herzog (Harvard University)

Maria Fernanda Bicalho (UFF)

Ana Paula Torres Megiani (USP)

**Instituições anfitriãs**

Paulo Knauss (MHN-UFF)

João Pacheco de Oliveira (MN-UFRJ)

**Companhia das Índias – coordenação executiva**

Silvia Patuzzi

Imagem do cartaz:

Giovanni Battista Lenardi. *Petrus II D. G. Portugalliae et Alg. Rex &c.* (c. 1695, gravura a buril e água-forte de Arnoldus van Westerhout – detalhe. Diogo Barbosa Machado (org.). *Retratos de reys, rainhas e príncipes de Portugal*. [Lisboa], 1746, t. II, p. 102. Acervo da Biblioteca Nacional do Brasil, Rio de Janeiro.